

PLANO DE PASTORAL 2012 - 2015

Arquidiocese de Fortaleza

Fortaleza, Ceará
2012

APRESENTAÇÃO

“Boa-nova para novos tempos”

Sob este lema iniciamos novo plano de pastoral para a Arquidiocese de Fortaleza, após a 21ª. Assembleia Arquidiocesana de Pastoral e em sintonia com o Regional NE1 – Ceará e com a CNBB e suas Diretrizes Gerais para a Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil 2011 – 2015.

Aqui apresentamos o Plano de Pastoral, não apenas em seus programas e projetos, mas com sua fundamentação no processo das Diretrizes Nacionais, das Prioridades Regionais e atividades arquidiocesanas.

“Boa-nova para novos tempos”: o Evangelho de Jesus, o Evangelho de sempre, para os novos tempos que vivemos, com seus desafios e urgências na vida e ação da Igreja. Sempre Boa nova é o Evangelho de Jesus Cristo, sua presença viva e atuante na humanidade através da existência e ação da Igreja. É o Senhor conosco todos os dias até o fim dos tempos.

Tudo é graça divina, que abre o futuro como realização plena do projeto amoroso criador e redentor de Deus. O tempo não é a rotina cíclica de fatos que se repetem numa mesma peça encenada cada vez de novo por novos personagens. O tempo é graça de uma realização cada vez mais plena rumo ao destino último da humanidade: vida plena na comunhão de Deus.

Por isso o novo Plano de Pastoral da Arquidiocese de Fortaleza, rumo ao centenário de sua existência a ser celebrado no ano 2015, quer com toda a Igreja: ***“Evangelizar a partir de Jesus Cristo e na força do Espírito Santo, como Igreja discípula, missionária e profética, alimentada pela Palavra de Deus e pela Eucaristia, à luz da evangélica opção preferencial pelos pobres, para que todos tenham vida, rumo ao Reino definitivo.”***

E assim responder a uma Igreja que se torna permanentemente missionária, expressando a comunhão de todas as suas comunidades, Igreja casa de iniciação da vida cristã, no seguimento de Jesus e vivência de Sua Palavra, a serviço da plena vida para todos.

Assim o que nos espera é novo tempo de nova evangelização: no ardor, nos métodos, nas expressões.

Se já somos uma grande parcela católica da Igreja no Ceará, boa nova será nos tornarmos realmente aquilo que dizemos ser: cristãos católicos. Cristãos: outro Cristo pela vida e pela missão. Católicos: realmente em comunhão universal na única família de Deus, fazendo com que aconteça a unidade em Cristo num único Povo.

Assim, estaremos, nos anos que temos pela frente, renovando nossa vida e missão de Igreja para celebrarmos o centenário do dom de Deus nesta Arquidiocese com muitos frutos de santidade – testemunho da ação da graça de Deus em nós: na Fé (Ano da Fé proclamado pelo Papa Bento XVI – 2012-2013); Ano da Esperança (2013-2014); Ano da Caridade (2014-2015). E a programação feliz do Ano Jubilar - 100 anos da Arquidiocese de Fortaleza (2015), ***“Boa Nova em novos tempos”***.

+ José Antonio Aparecido Tosi Marques
Arcebispo Metropolitano de Fortaleza

Fortaleza, 24 de junho de 2012.

**“Ide pelo mundo inteiro e anunciai a Boa-Nova a toda a criatura!”
(Mc 16,15)**

A Igreja existe para evangelizar.

Em meio às alegrias e esperanças, tristezas e angústias do ser humano de cada tempo, notadamente dos que sofrem (cf. GS, n. 1), ela anuncia, por palavras e ações, Jesus Cristo, Caminho, Verdade e Vida (cf. Jo 14,6). Para cumprir sua missão, a Igreja, impulsionada pelo Espírito Santo, acolhe, reza a Palavra que salva, escuta os sinais dos tempos, revê práticas pastorais e discerne objetivos e caminhos.

Expressão desta incessante atividade missionária da Igreja no Brasil, as *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora*, aprovadas na 49ª Assembleia dos Bispos, são a tentativa de escutar os sinais dos tempos e os desafios que neles se manifestam. Desejam ser uma resposta aos desafios que emergem em nosso tempo de transformações radicais na totalidade da existência, que, às vezes, geram perplexidade, ameaçam a vida em suas diversas formas e levam o ser humano a se afastar dos valores do Reino de Deus. Elas apontam um desafio imenso, pois, em cada indicação, pedem o esforço de não nos assustarmos diante das transformações, mas, confiantes no Crucificado-Ressuscitado que tudo venceu, olharmos para o Horizonte novo, assumindo corajosamente o que a graça de Deus nos pede para os dias de hoje.

Assim, voltados para o Senhor (Cap. 1), as *Diretrizes* não tiram os pés do chão da realidade (Cap. 2). Ao contrário, identificam as urgências (Cap. 3) e propõem caminhos para seu enfrentamento (Cap. 4). Em espírito de comunhão, oferecem, por fim, indicações para que as *urgências* sejam concretizadas nos planejamentos das Igrejas particulares (Cap. 5).

São cinco as *urgências* apontadas: Igreja em estado permanente de missão; Igreja: casa da iniciação cristã; Igreja: lugar de animação bíblica da vida e da pastoral; Igreja: comunidade de comunidades; Igreja a serviço da vida plena para todos. Elas indicam um modo pedagógico de expressar um único e grande passo ao qual toda a Igreja é chamada em nossos dias: *reconhecer-se em estado permanente de missão*. Isso implica o anúncio e o reanúncio de Jesus Cristo, possibilitando aos que não

O conhecem ou que d'Ele se afastaram ouvir o núcleo da Boa Nova da Salvação. Aproximar Jesus Cristo do coração de pessoas e grupos implica, por sua vez, aproximar também a comunidade dos discípulos missionários, construindo e fortalecendo uma intensa rede de comunidades cada vez mais próximas dos lugares onde as pessoas vivem, se alegram e sofrem. Em tudo isso, a Igreja no Brasil se reconhece comprometida com a vida, em todas as suas manifestações, especialmente a vida ameaçada.

Como partes de um único passo, as *urgências* necessitam ser assumidas em seu conjunto, não cabendo, durante os planejamentos locais, a escolha de uma ou outra. Todas são igualmente *urgências*. Optar por algumas e postergar outras significa afetar o conjunto.

As Diretrizes são um convite para que toda pessoa batizada, como discípula-missionária, assuma o mandato de Jesus Cristo: "Ide pelo mundo inteiro e anunciai a Boa-Nova a toda a criatura!" (Mc 16,15). Elas poderão ecoar na Boa-nova na medida em que cada Igreja Particular torná-las visíveis, através dos planejamentos pastorais, do plano pastoral.

Através das cinco *urgências*, a Igreja do Brasil caminhará na mesma direção. Nos planejamentos locais, a partir das Diretrizes, as *urgências* se concretizarão em cada um dos específicos contextos. Ficam, assim, respeitadas duas características indispensáveis da Igreja: a unidade e a diversidade.

Nestes tempos em que ainda estamos aprendendo a saborear as riquezas da Conferência de Aparecida, celebrando o Jubileu de Ouro do Concílio Vaticano II e nos preparando para o Sínodo sobre a Nova Evangelização, reafirmamos que estas Diretrizes foram elaboradas no desejo de que, cada vez mais, se creia que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, se tenha a vida em seu nome (cf. Jo 20,31). Quer no acolhimento destas *Diretrizes*, quer nos planejamentos subsequentes, haveremos de reconhecer que o ponto de partida será sempre o testemunho: "O homem contemporâneo escuta com melhor boa vontade as testemunhas do que os mestres; ou, então, se escuta os mestres, é porque eles são testemunhas".¹ Sejam, pois, testemunhas do Ressuscitado. É para isso que Ele nos envia. (31 de maio de 2011 - Festa da Visitação de Nossa Senhora + **Leonardo Ulrich Steiner**, Bispo prelado de São Félix do Araguaia, Secretário Geral da CNBB)

¹Papa Paulo VI, Discurso aos Membros do "Consilium de Laicis" (em 2 de outubro de 1964) AAS 66 (1974) p. 568, repetido na EN, n. 41.

O Objetivo Geral da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil – 2011 – 2015

(cf. Contribuição do Pe. Antonio Almir Magalhães)

- 1. O Objetivo Geral da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil 2011 – 2015** é o grande horizonte de todas as Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil – DGAEIB 2011 – 2015.
- 2.** Os passos metodológicos (Capítulo V das Diretrizes Gerais) para a realização do processo de planejamento culmina com o PLANO DE PASTORAL nas Igrejas Particulares.

Dois aspectos que não podem ser esquecidos no que diz respeito ao objetivo e ao plano em si:

- a)** O objetivo é o horizonte, é para onde todos olham como um referencial, meta ampla que norteia o rumo e serve para confeiri-lo. Ele ilumina e orienta. Geralmente é esquecido durante a execução do plano. Traz embutido uma Cristologia e uma Eclesiologia.
- b)** O próprio Plano, fruto de um processo participativo, segundo os bons humoristas, tem a vocação para a gaveta. Isto é constável.

***“Evangelizar a partir de Jesus Cristo
e na força do Espírito Santo,
como Igreja discípula, missionária e profética,
alimentada pela Palavra de Deus e pela Eucaristia,
à luz da evangélica opção preferencial pelos pobres,
para que todos tenham vida
rumo ao Reino definitivo.”***

EVANGELIZAR

A tarefa da evangelização foi descrita por Paulo VI com estas palavras: *“Para a Igreja não se trata tanto de pregar o Evangelho a espaços geográficos cada vez mais vastos ou populações maiores, mas de chegar a atingir e como que transformar pela força do Evangelho os critérios de julgar, os valores que contam, os centros de interesse, as linhas de pensamento, as fontes inspiradoras e os modelos de vida da humanidade que se apresentam em contraste com a Palavra de Deus e com o desígnio da salvação... É preciso evangelizar não de maneira decorativa, como que aplicando um verniz superficial, mas de maneira vital, em profundidade e isto até as suas raízes...”* (EN. 19-20). Esta definição de evangelização é o que temos de melhor até então. Deve servir de parâmetro para avaliarmos se o que estamos fazendo é de fato evangelização ou não.

A PARTIR DE JESUS CRISTO E NA FORÇA DO ESPÍRITO SANTO

O Papa Bento XVI afirmou e está registrado no Documento de Aparecida que *“não resistiria aos embates do tempo uma fé católica reduzida a uma bagagem, a um elenco de algumas normas e de proibições, a práticas de devoções fragmentadas, a adesões seletivas e parciais das verdades da fé, a uma participação ocasional em alguns sacramentos, à repetição de princípios doutrinários, a moralismos brandos ou crispados que não convertem a vida dos batizados. Nossa maior ameaça “é o medíocre pragmatismo da vida cotidiana da Igreja, o qual, aparentemente, tudo procede com normalidade, mas na verdade a fé vai se desgastando e degenerando em mesquinhez” A todos nos toca recomeçar a partir de Cristo, reconhecendo que não se começa a ser cristão por uma decisão ética ou uma grande idéia, mas pelo encontro com um acontecimento, com uma pessoa, que dá um novo horizonte à vida e, com isso, uma orientação decisiva”* (DAP, n. 12).

É indispensável, neste contexto, a docilidade ao Espírito Santo que é o protagonista da missão e nos dá força para nossas iniciativas pastorais e a caminhada da Igreja.

Neste sentido, o livro dos Atos dos Apóstolos é inspirador na medida em que narra a forma como a comunidade primitiva acolheu a mensagem de Jesus e como foi se consolidando a Igreja primitiva, tornando-se desta forma o modelo normativo, todas as vezes que o Espírito Santo é citado, existe uma ligação direta com a missão (como exemplo cf. At. 2, 1-13; 7,55 ; 8,26 ss.; 13, 2-4; 15, 28-29; 16, 6-10), significando, pois, ser uma comunidade que estava atenta ao sopro do Espírito Santo.

Um dos critérios para se medir o nível de nossa espiritualidade é ver quais os frutos que ela, processualmente, está produzindo, especialmente numa perspectiva comunitária e não intimista. É ver qual a nossa docilidade ao Espírito Santo, que se traduz na fertilidade da ação, no compromisso com a vida em todas as suas dimensões, incluindo aí a Criação. É avaliar o nível de seguimento e de discipulado da comunidade, do grupo, da pastoral, já que toda espiritualidade deve se constituir como **espiritualidade do seguimento**, cujo alimento é a Eucaristia.

COMO IGREJA DISCÍPULA, MISSIONÁRIA E PROFÉTICA

São três notas que dão uma tonalidade, uma configuração na forma de a Igreja se expressar. Ressalte-se, em primeiro lugar, a compreensão de Igreja através da categoria fundamental expressa pelo Concílio Vaticano II como POVO DE DEUS, tendo como fundamento a vida trinitária, o batismo, a eclesiologia de comunhão e como desdobramento a responsabilidade de todos na missão da Igreja.

Aqui vale lembrar o Documento Conciliar *Lumen Gentium*, sobre a Igreja, quando afirma: *“Do mesmo modo que Jesus Cristo consumou a redenção na pobreza e na perseguição, assim também, para poder comunicar aos homens os frutos da salvação, a Igreja é chamada a seguir o mesmo caminho. Cristo Jesus, “sendo de condição divina, aniquilou-se e tomou a condição de servo” (Fl 2,6) e por causa de nós “fez-se pobre, ele que era rico” (2Cor 8,9); assim a Igreja que certamente precisa de recursos humanos para cumprir sua missão, não foi criada para*

buscar glórias terrenas, mas para pregar, também com seu exemplo, a humildade e a abnegação... A Igreja “continua o seu peregrinar entre as perseguições do mundo e as consolações de Deus, anunciando a cruz e a morte do Senhor, até que ele venha” (1Cor 11,26).

Para sermos uma Igreja profética, precisamos recuperar este espírito, porquanto para ser discípula, seguir os passos do mestre se faz necessária uma espiritualidade kenótica, a partir de um cristianismo com cruz.

“Evangelizar é uma ação eminentemente profética, anúncio de uma Boa Nova portadora de esperança”. Trata-se, com efeito, de anunciar Jesus Cristo como caminho de salvação e a resposta para os graves problemas que nos afligem. (Evangelização e Missão Profética da Igreja – Novos Desafios – Doc. 80 da CNBB, p.22).

No que diz respeito à nota MISSIONÁRIA, temos uma questão: nos planos de pastoral vemos com frequência a MISSÃO ser definida como uma prioridade. Na verdade isto não procede na medida em que a “Igreja é, por sua natureza, missionária” (Dec. AG. N.2).

Não podemos ser reducionistas e acreditar que, por si só, as missões populares possam tornar uma Igreja particular, uma paróquia, uma área pastoral, mais ou menos missionária. Elas têm um apelo e adesão popular muito forte, mas não tornam a Igreja missionária, principalmente porque não renovam as estruturas que permanecem as mesmas. As visitas missionárias têm um papel importante porque se baseiam no encontro entre pessoas, vão revelando proximidade, mas estas também precisam ser repaginadas e o pessoal que exerce este ministério precisa de um mínimo de preparação.

O Documento de Aparecida foi muito feliz quando nos seus dez capítulos conseguiu articular bem o conceito de missão em três eixos interpenetrados entre si: Discipulado - Missão - Vida. Entender a missão é entender a figura missionária de Jesus de proximidade junto aos outros e estar a serviço da vida. Não há outra maneira de amar a Deus, que não seja passar pelo próximo, (Parábola do Bom Samaritano), uma

missão que comunica vida: *“A vida se acrescenta dando-a, e se enfraquece no isolamento e na comodidade. De fato, os que mais desfrutam da vida são os que deixam a margem de segurança e se apaixonam pela missão de comunicar vida aos demais. O Evangelho nos ajuda a descobrir que o cuidado enfermício da própria vida depõe contra a qualidade humana e cristã dessa mesma vida. “Quem aprecia sua vida terrena, a perderá” (Jo 12,25). Aqui descobrimos outra profunda lei da realidade: Que a vida se alcança e amadurece à medida que é entregue para dar vida aos outros. Isso é, definitivamente, a missão.”(DAP. 360).*

ALIMENTADA PELA PALAVRA DE DEUS E PELA EUCARISTIA

Tudo o que vimos até aqui tem como base uma mística, uma espiritualidade e aí devemos desdobrar a centralidade da pessoa e da proposta de Jesus Cristo, tendo como suporte a Palavra de Deus e a espiritualidade eucarística. A Exortação Apostólica VERBUM DOMINI, do atual Papa diz que *“a missão da Igreja não pode ser considerada como realidade facultativa ou suplementar da vida eclesial. Trata-se de deixar que o Espírito Santo nos assimile a Cristo, participando assim na sua própria missão: “Assim como o Pai Me enviou, também Eu vos envio a vós”(Jo, 20,21), de modo a comunicar a Palavra com a vida inteira. É a própria Palavra que nos impele para os irmãos: é a Palavra que ilumina, purifica, converte; nós somos apenas servidores”. E continua: “Não se trata de anunciar uma palavra anestésica, mas desinstaladora, que chama à conversão, que torna acessível o encontro com Ele, através do qual floresce uma humanidade nova”. (VD, 93).*

De igual forma, a espiritualidade eucarística, tão ausente em nosso meio, é fundamento para a missão. Por sinal, os dois últimos documentos sobre a Eucaristia – ***Mane nobiscum Domine***, de João Paulo II e ***Sacramentum Caritatis***, do Papa Bento XVI - articulam muito bem o significado e a repercussão que devem ter em nossa vida ao participarmos do Mistério Pascal.

O primeiro doc. citado, na IV parte, se intitula A EUCARISTIA, PRINCÍPIO E PROJETO DE MISSÃO. Nesta parte o Papa afirma que *“O encontro com Cristo, continuamente aprofundado na intimidade eucarística, suscita na Igreja e em cada cristão a urgência de testemunhar e evangelizar... A despedida no final de cada missa constitui um mandato, que impele o cristão para o dever da propagação do Evangelho e da animação cristã da sociedade”... “Há ainda um ponto para o qual queria chamar a atenção, porque sobre ele se joga notavelmente a autenticidade da participação da Eucaristia celebrada na comunidade: é o estímulo que ela dá a um compromisso real na edificação de uma sociedade mais equitativa e fraterna... não é por acaso que no Evangelho de João se encontre não a narração da instituição eucarística, mas a do “lava pés” (cf. Jo 13, 1-20); inclinando-se para lavar os pés de seus discípulos, Jesus explica de forma inequívoca o sentido da Eucaristia (MND, 24,28 respectivamente). Finalmente afirma: “Não podemos nos iludir: pelo amor mútuo e, em particular, pela solicitude por quem passa necessidade, seremos reconhecidos como verdadeiros discípulos de Cristo (cf. Jo 13,35; Mt. 25, 31-46). Com base neste critério, será comprovada a autenticidade das nossas celebrações eucarísticas”(MND, 28).*

Igualmente o Documento **Sacramentum Caritatis**, dividido em três partes - Eucaristia, Mistério acreditado, Mistério celebrado e Mistério Vivido - dá ênfase na terceira parte sobre a relação entre Eucaristia x Vida. Diz que *“os padres sinodais afirmaram, significativamente, que os fiéis cristãos precisam de uma compreensão mais profunda das relações entre a Eucaristia e a vida cotidiana, pois a espiritualidade não é apenas a participação na missa e a devoção ao Santíssimo Sacramento, mas abraça a vida inteira” (SC, 77).*

Na evolução das ideias do documento, a dimensão moral da Eucaristia é mais um ponto relevante. *“Ao participar da Eucaristia, o cristão deve ficar habilitado e comprometido a viver a caridade em todas as suas atitudes e comportamentos da vida” (cf.n.82).*

Iluminando o hiato sócio-político em que vivemos, a Exortação também chama atenção para que o culto eucarístico não se torne um ato meramente privado, sem consequências nas nossas relações sociais. *O documento exige o testemunho público da própria fé dos cristãos, valendo isso para todos, mas, de maneira especial, para aqueles que ocupam posição social ou política privilegiada e que devem tomar decisões sobre valores fundamentais (cf.n. 83).*

Assim, finalmente, algo que se tem muita dificuldade de compreender no contexto religioso atual são as implicações sociais do mistério eucarístico. *Da consciência da necessidade de se buscar a justiça, nasce a vontade de transformar as estruturas injustas, a fim de se restabelecer o respeito à dignidade do homem, criado à imagem e semelhança de Deus. Mesmo que não seja missão própria da Igreja tomar nas suas mãos a batalha política para realizar a sociedade mais justa possível (por conta da autonomia das realidades terrestres) e superando uma visão de cristandade, a Igreja não pode e nem deve ficar à margem da luta pela justiça (cf.n. 89).*

Com a ajuda dessas reflexões e confrontando-as com os deslocamentos e modos de entender a Eucaristia que o povo de Deus tem, vê-se uma imperiosa necessidade de se recuperar o sentido autêntico da Eucaristia da qual participamos todos os finais de semana, para que, de fato, seja motivadora de um estilo de vida compatível com o que celebramos, o Mistério Pascal. Isso exige uma formação intensa a partir das nossas paróquias e áreas pastorais.

À LUZ DA EVANGÉLICA OPÇÃO PREFERENCIAL PELOS POBRES

Geralmente vista com um olhar de suspeição por alguns, por ser considerada uma opção classista e fundamentada em categorias não cristãs, a opção pelos pobres volta ao cenário da Igreja Latino-Americana e Caribenha, no texto conclusivo fruto da V Conferência deste Episcopado, realizada em Aparecida de 13 a 31 de maio de 2007.

É precisamente no Capítulo 8º do documento em tela que aparece a opção preferencial pelos pobres e excluídos, dentro de um quadro maior intitulado “o Reino de Deus e a promoção da dignidade humana”, em continuidade com as Conferências anteriores, constituindo-se “numa das peculiaridades que marca a fisionomia da Igreja latino-americana e caribenha” (DA, nº. 391). Portanto é caminho consolidado e sem volta, e sua consagração se dá de maneira especial porque se trata de uma opção verdadeiramente evangélica, implícita na fé cristológica. Ela nasce da nossa fé em Jesus Cristo, que se fez nosso irmão (cf. Hb. 2,11-12).

O texto é incisivo e afirma que *“hoje queremos ratificar e potencializar a opção preferencial pelos pobres feita nas Conferências anteriores”* (DAp nº. 396) e explica no mesmo número o significado de preferencial: *“Que seja preferencial implica que deva atravessar todas as nossas estruturas e prioridades pastorais”*, de onde se conclui que esta opção não pode se reduzir a uma prática das pastorais sociais e das CEBs, mas de toda a Igreja.

Esta opção tem implicações políticas, já que são várias as dimensões que ameaçam a vida destes nossos irmãos e irmãs. Neste sentido, apesar de incluir gestos solidários emergenciais, o texto os ultrapassa: *“Ela há de se manifestar em opções e gestos visíveis, principalmente na defesa da vida e dos direitos dos mais vulneráveis e excluídos, e no permanente acompanhamento em seus esforços para serem sujeitos de mudança e de transformação de sua situação”* (DA, nº. 394). Percebam que entra aqui uma questão de cunho educativo, de trabalho com o povo, porquanto os pobres devem ser SUJEITOS, protagonistas, agentes de transformação, *“evitando-se assim atitude paternalista”* (DA. nº.397) da parte do agente externo, querendo fazer tudo por eles, impedindo que os mesmos cresçam em sua autonomia.

Nossas pastorais sociais estão fragilizadas por uma série de fatores que precisam ser analisados; mesmo assim elas se fazem presentes

no processo evangelizador, colocando todos os esforços na defesa da vida ameaçada dos pobres. O documento é sensível a esta realidade e coloca como missão das Conferências Episcopais e das Igrejas locais *“promover renovados esforços para fortalecer uma Pastoral Social estruturada, orgânica e integral que, com a assistência e a promoção humana, se faça presente nas novas realidades de exclusão e marginalização em que vivem os grupos mais vulneráveis, onde a vida está ameaçada”* (DA. nº. 401).

Como resultado da globalização, o texto fixa o olhar no rosto de novos excluídos (apresenta mais de vinte em seu nº. 402) destacando entre estes alguns *“rostos sofredores que doem em nós”* dos números 407 a 430: pessoas que vivem nas ruas das grandes cidades, migrantes, enfermos (HIV-Aids), dependentes de drogas e detidos em prisão.

Para estes casos, no nosso entendimento pastoral, se requerem mediações pastorais que ultrapassem o esquema da territorialidade paroquial, pois estas questões extravasam os estreitos limites jurídicos das paróquias. Neste sentido caberia bem aqui a criação de Vicariatos não territoriais.

Como o próprio texto indica, *“se essa opção está implícita na fé cristológica, os cristãos, como discípulos e missionários, são chamados a contemplar, nos rostos sofredores de nossos irmãos, o rosto de Cristo que nos chama a servi-lo neles”... E continua “eles desafiam o núcleo do trabalho da Igreja, da pastoral e de nossas atitudes cristãs”* (Dap. nº. 393).

Vê-se, portanto, que assumir esta opção não é tarefa fácil, especialmente porque estamos com uma prática pastoral que está marcada predominantemente por um sacramentalismo limitado ao templo, por um conceito de evangelização reducionista, com pouca incidência nas questões sociais, por uma burocracia que dificulta a presença junto aos mais pobres. Tudo isto vai exigir uma renovação da Igreja que o documento chama de CONVERSÃO PASTORAL – *“Nenhuma co-*

munidade deve isentar-se de entrar decididamente, com todas as forças, nos processos constantes de renovação missionária e de abandonar as ultrapassadas estruturas que já não favoreçam a transmissão da fé” (DA, 365). Diante de novos desafios e da fidelidade ao Espírito Santo, que é o protagonista da missão, é que “nasce a necessidade de uma renovação eclesial que implica reformas espirituais, pastorais e também institucionais” (DA, nº. 367).

PARA QUE TODOS TENHAM VIDA

O próprio texto das Diretrizes reafirma a convicção de que *“a missão dos discípulos é o serviço à vida plena”* (n. 65). O texto traz de uma certa forma não uma novidade, mas uma ênfase não só aos momentos extremos da vida (intrauterina - aborto) ou sobrevida por aparelhos e desligamento dos mesmos (eutanásia), mas na vida nesta etapa da história. *“Nossos povos não querem andar pelas sombras da morte. Têm sede de vida e felicidade em Cristo. Por isso proclamam com vigor que as condições de vida de muitos abandonados, excluídos e ignorados em sua miséria e dor, contradizem o Projeto do Pai e desafiam os discípulos missionários a maior compromisso em favor da cultura da vida”* (DGAE, 2011-15, 66) e que *“o discípulo missionário abre seu coração para todas as formas de vida ameaçada desde o seu início até a morte natural... este é um tempo mais do que propício para a articulação e a integração de todas as formas de paixão pela vida”*(DGAE, 67).

É um momento articulado com a dimensão profética da Igreja, com a opção preferencial pelos pobres (afinal, a Igreja está convocada a ser “advogada da justiça e defensora dos pobres” – Dap.395 e DI do Papa em Aparecida) e com os outros momentos do objetivo, já que se interpenetram entre si. O discípulo não deve se calar diante da vida que está ameaçada para nascer, mas igualmente *“não se cala*

diante da vida sem alimento, casa, terra, trabalho, educação, saúde, lazer, liberdade, esperança e fé". (DGAE, 69).

RUMO AO REINO DEFINITIVO

Toda nossa ação pastoral e evangelizadora se situa no horizonte do Reino que Jesus Cristo construiu e, gratuitamente, deixou para nós. Por este motivo podemos afirmar que o futuro já foi construído definitivamente por esta Revelação e se traduziu numa proposta que nós encontramos nos Evangelhos. Dadas as precariedades da história, as fragilidades humanas, este Reino já construído por Jesus está em andamento nesta mesma história e daí poderemos afirmar a tensão escatológica do JÁ e AINDA NÃO. Nós caminhamos rumo ao Reino definitivo já dado, à medida em que, nas nossas Galiléias, vamos sendo instrumentos da realização deste Reino em sinais, quando não cruzamos os braços diante daquilo que foi dito pelo Papa Paulo VI e está colocado neste texto no primeiro momento e que repetimos na conclusão desta contribuição: *"Para a Igreja não se trata tanto de pregar o Evangelho a espaços geográficos cada vez mais vastos ou populações maiores, mas de chegar a atingir e como que transformar pela força do Evangelho os critérios de julgar, os valores que contam, os centros de interesse, as linhas de pensamento, as fontes inspiradoras e os modelos de vida da humanidade que se apresentam em contraste com a Palavra de Deus e com o desígnio da salvação...É preciso evangelizar não de maneira decorativa, como que aplicando um verniz superficial, mas de maneira vital, em profundidade e isto até as suas raízes..."* (EN. 19-20).

PRIMEIRA URGÊNCIA:

Igreja em estado permanente de missão.

(DGAEIB 3.1 – CNBB doc 94)

*“Ide pelo mundo inteiro e anunciai a Boa Nova a toda criatura!
Quem crer e for batizado será salvo!”
(Mc 16,15)*

30. Jesus Cristo, o grande missionário do Pai, envia, pela força do Espírito, seus discípulos em constante atitude de missão (Mc 16,15). Quem se apaixona por Jesus Cristo deve igualmente transbordar Jesus Cristo, no testemunho e no anúncio explícito de sua Pessoa e Mensagem.

A Igreja é indispensavelmente missionária.²⁵ Existe para anunciar, por gestos e palavras, a pessoa e a mensagem de Jesus Cristo.

Fechar-se à dimensão missionária implica fechar-se ao Espírito Santo, sempre presente, atuante, impulsionador e defensor (Jo 14,16; Mt 10,19-20). Em toda a sua história, a Igreja nunca deixou de ser missionária. Em cada tempo e lugar, esta missão assume perspectivas distintas, nunca, porém, deixa de acontecer. Se hoje partilharmos a experiência cristã, é porque alguém nos transmitiu a beleza da fé, apresentou-nos Jesus Cristo, acolheu-nos na comunidade eclesial e nos fascinou pelo serviço ao Reino de Deus.

31. No atual período da história, marcado pela mudança de época, a missão assume um rosto próprio, com, pelo menos, três características: urgência, amplitude, inclusão. A missão é urgente em decorrência da oscilação de critérios. É ampla e includente, porque reconhece que todas as situações, tempos e locais são seus interlocutores. Até

²⁵ DAp, n. 347

mesmo o discípulo missionário é, para si, um destinatário da missão, na medida em que está inserido nesta mudança de época, com referências flácidas e valores nem sempre efetivamente sedimentados (Mt 13,5-6.20-21). Trata-se, portanto, de suscitar, em cada batizado e em cada forma de organização eclesial, uma forte consciência missionária, sem a qual os discípulos missionários não contribuirão efetivamente para o novo que haverá de surgir na história.

A atual consciência missionária interpela o discípulo missionário a “sair ao encontro das pessoas, das famílias, das comunidades e dos povos para lhes comunicar e compartilhar o dom do encontro com Cristo”.²⁶

Estamos num tempo de urgente saída “em todas as direções para proclamar que o mal e a morte não têm a última palavra”,²⁷ um tempo de esquecer o que ficou para trás e correr em busca d’Aquele que já nos alcançou (cf. Fl 3,12-14), um tempo que deve levar a uma forte comção missionária.²⁸

32. Na medida em que as mudanças de época atingem os critérios de compreensão, os valores e as referências, os quais já não se transmitem mais com a mesma fluidez de outros tempos,²⁹ torna-se indispensável anunciar Jesus Cristo, apresentando, com clareza e força testemunhal, quem é Ele e qual sua proposta para toda a humanidade.³⁰ Não se trata, por certo, de estabelecer uma espécie de concorrência religiosa, ingressando na competição por maior número de fiéis. Tampouco se trata de busca de privilégios para a Igreja que, em todos os tempos, é chamada a ser serva humilde e despojada (cf. Lc 17,7-10). Trata-se de se reconhecer que o distanciamento em relação a Jesus Cristo e ao Reino de Deus traz graves consequências para toda a humanidade. Estas consequências não são percebidas

²⁶ DAp, n. 548.

²⁷ DAp, n. 548.

²⁸ DAp, n. 362.

²⁹ DAp, n. 38-39.

³⁰ DAp, n. 348.

apenas pela redução numérica dos católicos. Elas são igualmente sentidas principalmente nas inúmeras formas de desrespeito e mesmo de destruição da vida. Todas as formas de violência e exclusão revelam o distanciamento de Jesus e do Reino. São as ameaças à vida, frutos de uma cultura de morte,³¹ que questionam os discípulos missionários a anunciarem, principalmente através do testemunho, a beleza do Reino de Deus, que é vida, paz, concórdia, reconciliação (cf. Gl 5,22s). Os discípulos missionários sabem que não lhes cabe a exclusividade na construção da nova época que está para surgir. Esta consciência, no entanto, não lhes exige a responsabilidade por testemunhar e anunciar Jesus Cristo e o Reino de Deus, fazendo-o oportuna e inoportunamente (2Tm 4,2).

33. Neste redescobrir missionário, emerge, em primeiro lugar, o papel de cada pessoa batizada em todos os lugares e situações em que se encontrar. Trata-se do testemunho pessoal, base sobre a qual o explícito anúncio haverá de ser construído.³² Períodos históricos com menores doses de incerteza e oscilação oferecem aos discípulos missionários referências de valores que desaparecem nas mudanças de época, deixando-os sozinhos em meio à grande diversidade de valores e crenças. Este, portanto, é um tempo do testemunho! Em virtude do enfraquecimento das instituições e das tradições, cresce a responsabilidade pessoal.

Em outras épocas, instituições e tradições protegiam bem mais os indivíduos. Nesta mudança de época, instituições e tradições tendem a ser socioculturalmente julgadas com base na ação dos indivíduos. Ninguém, em sã consciência, deseja colaborar para o mal. Em tempos de perplexidade e incertezas, os discípulos missionários sabem que necessitam de rigor ainda maior naquilo que sentem, pensam e fazem. Devem verificar se, em razão das perplexidades e incertezas, não estão, de algum modo, deixando de realmente defender, promover e testemunhar a vida em todas as suas instâncias.

34. Em segundo lugar, surge a urgência de pensar estruturas pastorais que favoreçam a realização da atual consciência missionária.

³¹ DAp, n. 358.

³² EN, n. 21.

Esta “deve impregnar todas as estruturas eclesiais e todos os planos pastorais”,³³ a ponto de deixar para trás práticas, costumes e estruturas que, ao corresponderem a outros momentos históricos, já não têm atualmente grandes condições de favorecer a transmissão da fé, como lembra Aparecida.³⁴ Não se trata, portanto, de negar tudo que já foi feito em outras épocas, mas de reconhecer que, nesta mudança de época, é preciso agir com firmeza e rapidez. É neste sentido que se entende a convocação de Aparecida à *conversão pastoral*, através da qual se ultrapassam os limites de uma “pastoral de mera conservação para uma pastoral decididamente missionária”.³⁵

35. Surgem, deste modo, imperativos que colocam a Igreja em estado permanente de missão.³⁶ Não se trata, portanto, de conceber a atitude missionária *ao lado* de outros serviços ou atividades, mas de dar a tudo que se faz um sentido missionário, estabelecendo, neste conjunto de atividades desenvolvidas, algumas *urgências* que ajudem todos os batizados a efetivamente se reconhecerem como missionários. A Igreja no Brasil reforça, assim, seu compromisso com a *Missão Continental*.³⁷

36. Este é o grande serviço que a Igreja, discípula missionária de Jesus Cristo, é chamada a prestar neste momento da história. Em atitude de diálogo, cabe-lhe anunciar e reanunciar a pessoa e a mensagem de seu Mestre, conclamando à comunhão todos os seres humanos, para a busca da cultura da vida, a caminho do Reino definitivo.

- Prioridade do Regional NE – I – Ceará: Formação integral, articulada e permanente para a consciência missionária numa pastoral orgânica visando a uma conversão pastoral que fortaleça a articulação, a animação e a ação missionária para o enfrentamento dos desafios da realidade.

³³ DAP, N. 365.

³⁴ DAp, n. 365.

³⁵ DAp, n. 370

³⁶ DAp, n. 551.

³⁷ DAp, nn. 550-551, DGAE 2008-2010, nn. 211-212.

○ **Plano de Pastoral da Arquidiocese de Fortaleza 2012 - 2015**

PROGRAMAS E PROJETOS

Programa Arquidiocesano 1: Formação Missionária na Arquidiocese.

Projeto 1 – FORMAÇÃO DE MISSIONÁRIOS PAROQUIAIS

O quê? Ação	Organização e formação dos missionários paroquiais.
Para quê? Objetivo	Colocar as Paróquias e Áreas Pastorais em estado permanente de missão.
Como? Estratégia	Criando equipes de animação missionária; Implantando a Infância e Juventude Missionárias; Organizando o Conselho Missionário Paroquial - COMIPA.
Quando? Data	A partir de 2012
Onde? Local	Regiões Episcopais, Paróquias e Áreas Pastorais.
Recursos financeiros?	Da Campanha da Evangelização, das Regiões Episcopais, Paróquias e Áreas Pastorais.
Quem? Responsáveis	COMIDI, Infância Missionária, Juventude Missionária e COMISE.
Para quem? Público alvo	Agentes pastorais, animadores de comunidades e pessoas interessadas.

Projeto 2 - MISSÃO JOVEM

O quê? Ação	Organização da Missão Jovem
Para quê? Objetivo	Promover a formação e atuação missionária dos jovens nas Paróquias e Áreas Pastorais, Escolas, Universidades e dos jovens de Rua.
Como? Estratégia	Realizando encontros bimestrais de estudo; Preparando as lideranças jovens para a Missão Paroquial.
Quando? Data	Uma vez por ano, a partir de 2013, em data a ser definida nas Paróquias e Áreas Pastorais.
Onde? Local	Em cada Paróquia e Área Pastoral.
Recursos financeiros?	Com recursos da Paróquia ou Área Pastoral, provenientes da dimensão missionária do Dízimo.
Quem? Responsáveis	Setor Juventude da Arquidiocese, das Regiões Episcopais, das Paróquias e Áreas Pastorais.
Para quem? Público alvo	Jovens das Paróquias e Áreas Pastorais, Movimentos, Escolas, Universidades, da Rua e jovens interessados.

Programa Arquidiocesano 2 : Paróquias missionárias.

Projeto 1 – COMUNHÃO E PARTICIPAÇÃO EM NOVOS CAMPOS DE MISSÃO

O quê? Ação	Promoção da Ação missionária nos novos campos de evangelização.
Para quê? Objetivo	Ir ao encontro dos novos campos de missão: Escolas, Condomínios, Faculdades.
Como? Estratégia	Promovendo momentos fortes de missão, visitação, diálogo e evangelização.
Quando? Data	2013 e 2014.
Onde? Local	Nas Paróquias e Áreas Pastorais, Movimentos Eclesiais e Novas Comunidades.
Recursos financeiros?	Com recursos próprios das Paróquias, Áreas Pastorais, Movimentos Eclesiais e Novas Comunidades.
Quem? Responsáveis	COMIDI, Paróquias, Áreas Pastorais, Movimentos e Associações Eclesiais
Para quem? Público alvo	Escolas, Condomínios e Faculdades.

Projeto 2 – MISSÃO NA FAMÍLIA

O quê? Ação	Promoção da Missão na família
Para quê? Objetivo	Tornar a família primeiro lugar da missão
Como? Estratégia	Realizando momentos fortes de evangelização, a partir das programações já existentes na CNBB, no Regional Nordeste 1 e na Arquidiocese.
Quando? Data	De 2012 a 2015.
Onde? Local	Nas Paróquias e Áreas Pastorais, Movimentos Eclesiais e Novas Comunidades.
Recursos financeiros?	Com recursos próprios das Paróquias, Áreas Pastorais, Movimentos Eclesiais e Novas Comunidades.
Quem? Responsáveis	COMIDI, Pastoral da Família, Movimentos Familiares.
Para quem? Público alvo	Para as famílias.

Projeto 3: CURSO DE MISSIOLOGIA

O quê? Ação	Realização de um Curso arquidiocesano de missiologia.
Para quê? Objetivo	Aprofundar a dimensão missionária da fé e conhecer as metodologias da missão.
Como? Estratégia	Estruturando um curso de missiologia.
Quando? Data	2013 e 2014.
Onde? Local	Nas Regiões Episcopais e na Faculdade Católica de Fortaleza – FCF
Recursos financeiros?	Campanha da Evangelização e Regiões Episcopais promotoras do Curso.
Quem? Responsáveis	FCF, ESPAC e Regiões Episcopais
Para quem? Público alvo	Membros dos COMIPAs, coordenadores e assessores paroquiais da Infância Missionária e membros dos Conselhos Paroquiais de Pastoral.

SEGUNDA URGÊNCIA: ***Igreja: casa de iniciação à vida Cristã*** ***(DGAEIB 3.2 – CNBB doc 94).***

*“Paulo e Silas anunciaram a Palavra do Senhor ao carcereiro e a todos os da sua casa. E, imediatamente, foi batizado, junto com todos os seus familiares”
(At 16,32s)*

37. A fé é dom de Deus! “Não se começa a ser cristão por uma decisão ética ou uma grande ideia, mas pelo encontro com um acontecimento, com uma Pessoa, que dá um novo horizonte à vida e, com isso, uma orientação decisiva”.³⁸

Por sua vez, este encontro é mediado pela ação da Igreja, ação que se concretiza em cada tempo e lugar, de acordo com o jeito de ser de cada povo, de cada cultura. A descoberta do amor de Deus manifestado em Jesus Cristo, dom salvífico para toda a humanidade, não acontece sem a mediação dos outros (Rm 10,14).

38. Cada tempo e cada lugar têm um modo característico para apresentar Jesus Cristo e suscitar nos corações o seguimento apaixonado não a algo, mas à sua pessoa, que a todos convida para com Ele vincular-se intimamente.³⁹ “A admiração pela pessoa de Jesus, seu chamado e seu olhar de amor despertam uma resposta consciente e livre desde o mais íntimo do coração do discípulo”.⁴⁰ Todavia, como resposta, a adesão a Jesus Cristo implica anúncio, apresentação, proclamação. Em outras épocas, a apresentação de Jesus Cristo se dava através de um mundo que se concebia cristão. Família, escola e sociedade em geral, ao mesmo tempo em que ajudavam a se inserir na cultura, apresentavam também a pessoa e a mensagem de Jesus Cristo.

³⁸ DCE, n. 1, DAp, nn. 12, 243-244.

³⁹ DAp, n. 131.

⁴⁰ DAp, n. 136.

39. Sabemos que, em nossos dias, meios utilizados em outros tempos para o anúncio de Jesus Cristo já não possuem a mesma eficácia de antes. Olhemos, por exemplo, a família, chamada a ser a grande transmisora da fé e dos valores.⁴¹ Tamanhas têm sido as transformações que a instituição familiar já não possui o mesmo fôlego de outras épocas para cumprir esta missão indispensável. O mesmo ocorre com outras instituições importantes. Esta situação exige uma radical transformação no modo de concretizar a ação evangelizadora. Em outras épocas, era possível pressupor que o primeiro contato com a pessoa e a mensagem de Jesus Cristo acontecia em sociedade, possibilitado pelos diversos mecanismos culturais, fazendo com que a ação evangelizadora se preocupasse mais com a purificação e a retidão doutrinárias, com a moral e com os sacramentos. A mudança de época exige que o anúncio de Jesus Cristo não seja mais pressuposto, porém explicitado continuamente. O estado permanente de missão só é possível a partir de uma efetiva iniciação à vida cristã.

40. Esta é a razão pela qual cresce o incentivo à iniciação à vida cristã, “grande desafio que questiona a fundo a maneira como estamos educando na fé e como estamos alimentando a experiência cristã”.⁴² Trata-se, portanto, de “desenvolver, em nossas comunidades, um processo de iniciação à vida cristã que conduza a um encontro pessoal, cada vez maior com Jesus Cristo”,⁴³ atitude que deve ser assumida em todo o continente latino-americano e, portanto, também no Brasil.⁴⁴ Este é um dos mais urgentes sentidos do termo *missão* em nossos dias. É o desafio de anunciar Jesus Cristo, recomeçando a partir dele, sem “dar nada como pressuposto ou descontado”.⁴⁵ É preciso ajudar as pessoas a conhecer Jesus Cristo, fascinar-se por Ele e optar por segui-lo.

41. A Conferência de Aparecida, além de elevar a iniciação à vida cristã à categoria de urgência, lembra que ela deve acontecer não apenas uma única vez na vida de cada pessoa. A iniciação cristã não se esgota

⁴¹ DAp, n. 432.

⁴² DAp, n. 287.

⁴³ DAp, n. 289.

⁴⁴ DAp, n. 294.

⁴⁵ DAp, n. 549.

na preparação aos sacramentos do Batismo, Crisma e Eucaristia. Ela se refere à adesão a Jesus Cristo. Esta adesão deve ser feita pela primeira vez, mas refeita, fortalecida e ratificada tantas vezes quantas o cotidiano exigir.⁴⁶ Ela acontece, por exemplo, quando chegam os filhos, quando o adolescente busca sua identidade, quando o jovem prepara suas escolhas futuras, no noivado e no matrimônio, nas experiências de dor e fragilidade. Nossas comunidades precisam ser comunidades diuturnamente mistagógicas, preparadas para permitir que o encontro com Jesus Cristo ⁴⁷ se faça e se refaça permanentemente.

42. Esta perspectiva eminentemente catecumenal de nossas comunidades apresenta uma série de consequências para a ação evangelizadora. Em primeiro lugar, o processo permanente de iniciação apresenta uma série de exigências para a evangelização: acolhida, diálogo, partilha, bem como maior familiaridade com a Palavra de Deus e a vida em comunidade. Em segundo lugar, implica estruturas, isto é, grupos de estilo catecumenal nos mais diversos lugares e horários, sempre disponíveis a acolher, apresentar Jesus Cristo e dar as razões da nossa esperança (1Pd 3,15). Implica, assim, um novo perfil de agente evangelizador, no qual o Ministério dos(as) introdutores(as) ⁴⁸ e catequistas assumam papel preponderante. Eles são a ponte entre o coração que busca descobrir ou redescobrir Jesus Cristo e Seu seguimento na comunidade de irmãos, em atitudes coerentes e na missão de colaborar na edificação do Reino de Deus.

43. No serviço do acolhimento, que inicia ou reinicia no encontro com Jesus Cristo e com a comunidade dos discípulos, a ação evangelizadora se põe em diálogo com o atual momento da história, que pede o anúncio explícito e contínuo de Jesus Cristo e o chamado à comunhão, como atitude decorrente para a vivência de fé e para a vida em geral.

⁴⁶ DAp, n. 288.

⁴⁷ DAp, nn. 246-257, 278

⁴⁸ *“Pessoa que conhece o candidato ao Batismo, acompanha e é testemunha de seus costumes, fé e desejo de receber os sacramentos. Não é necessariamente o padrinho ou madrinha”* (Cf. Ritual de Iniciação Cristã de Adultos, n. 42)

- **Prioridade do Regional NE – I – Ceará:** Formação integral e permanente que possibilite o encontro com Jesus, especialmente na Palavra e na Liturgia, no seu seguimento para unir fé e vida e assumir a obra evangelizadora e a opção preferencial pelos pobres.

- **Plano de Pastoral da Arquidiocese de Fortaleza 2012 - 2015**

PROGRAMAS E PROJETOS

Programa Arquidiocesano 1: Organização do processo de Iniciação à vida cristã com utilização do **RICA (Rito de Iniciação à Vida Cristã de Adultos)**.

Projeto - 1 CURSO SOBRE A INICIAÇÃO À VIDA CRISTÃ

O quê? Ação	Estruturação do Curso sobre o RICA como inspiração para todo o processo de iniciação à vida cristã.
Para quê? Objetivo	Conhecer e vivenciar o RICA e qualificar os agentes em um processo de educação permanente da fé (Catequese Renovada n. 318).
Como? Estratégia	Realizando o curso através de módulos.
Quando? Data	2012: ano de preparação. Realização dos módulos: janeiro e julho de 2013 e de 2014. Os módulos podem ser realizados durante uma semana, de segunda-feira a sexta-feira, manhã e tarde; ou em dois finais de semana, no sábado, das 13h às 22h e no domingo das 8h às 12h.
Onde? Local	Faculdade Católica de Fortaleza – FCF, ou Centro de Pastoral Maria Mãe da Igreja, ou Regiões Episcopais.
Recursos financeiros?	Campanha da Evangelização, Regiões Episcopais e partilha dos participantes.
Quem? Responsáveis	Coordenação Arquidiocesana de Catequese, ESPAC, FCF, Comissão Arquidiocesana de Liturgia e Regiões Episcopais.
Para quem? Público alvo	Catequistas coordenadores da iniciação à vida cristã (Batismo, Crisma e Eucaristia) e coordenadores de Liturgia das Regiões Episcopais, Paróquias e Áreas Pastorais.

Projeto 2 – ESTUDO DO RICA ATRAVÉS DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO

O quê? Ação	Estruturação de estudos sobre o RICA através do Rádio e de outros meios de comunicação.
Para quê? Objetivo	Conhecer e vivenciar o RICA.
Como? Estratégia	Realizando programas radiofônicos; Divulgando textos através de boletins ou outros subsídios; Promovendo mesas redondas de discussão sobre o RICA.
Quando? Data	Preparação em 2012. Realização de 2013 a 2015.
Onde? Local	Emissoras católicas que se disponham e meios de comunicação das Paróquias e Áreas Pastorais.
Recursos financeiros?	Campanha de Evangelização, Paróquias e Áreas Pastorais.
Quem? Responsáveis	Coordenações Arquidiocesanas da Catequese, Liturgia, e Pastoral da Comunicação.
Para quem? Público alvo	Todo o Povo de Deus

Programa Arquidiocesano 2: Implantação do processo de iniciação à vida cristã para os batizados e não evangelizados.

Projeto 1–REEVANGELIZAÇÃO DE FIÉIS

O quê? Ação	Encontros sistemáticos sobre Jesus Cristo, sua vida, suas palavras e suas atitudes.
Para quê? Objetivo	Conhecer Jesus e despertar os fiéis para o seu seguimento.
Como? Estratégia	Promovendo encontros de leitura e reflexão dos Evangelhos; Realizando momentos orantes da Palavra de Deus para iluminar a vida pessoal e comunitária; Acolhendo bem os fiéis que buscam a igreja, a casa paroquial e os padres.
Quando? Data	A partir de 2012.
Onde? Local	Arquidiocese, Paróquias, Áreas Pastorais, Casas Religiosas e as demais instituições eclesiais.
Recursos financeiros?	Dízimo das Paróquias e Áreas Pastorais.
Quem? Responsáveis	Párocos e Vigários Paroquiais, equipes de acolhida e comissões bíblicas paroquiais.
Para quem? Público alvo	O Povo de Deus.

Projeto 2 – APROFUNDAMENTO PARA COORDENADORES DAS DIVERSAS EXPRESSÕES ECLESIAIS

O quê? Ação	Realização de encontros para aprofundamento dos coordenadores das diversas expressões eclesiais
Para quê? Objetivo	Estudar, conhecer e vivenciar RICA, partilhando e aperfeiçoando as diversas formas de evangelização.
Como? Estratégia	Promovendo encontros sistemáticos.
Quando? Data	A partir do primeiro semestre de 2014.
Onde? Local	Paróquias e Áreas Pastorais.
Recursos financeiros?	Com recursos provenientes da Dimensão Religiosa do Dizimo das Paróquias e Áreas Pastorais, de partilha e parcerias.
Quem? Responsáveis	Assessores, Comissão Bíblica da Arquidiocese, coordenações de Catequese e de Liturgia das Regiões Episcopais, Paróquias e Áreas Pastorais.
Para quem? Público alvo	Coordenadores das diferentes organizações eclesiais.

TERCEIRA URGÊNCIA: Igreja: lugar de animação bíblica da vida e da pastoral

(DGAEIB 3.3 – CNBB doc 94).

*“Toda Escritura é inspirada por Deus e é útil para ensinar, para argumentar, para corrigir, para educar conforme a justiça”
(2Tm 3,16)*

44. Deus se dá a conhecer no diálogo que estabelece conosco.⁴⁹ “Quem conhece a Palavra divina conhece plenamente também o significado de cada criatura”.⁵⁰ “A Palavra divina, pronunciada no tempo, deu-Se e entregou-Se à Igreja definitivamente para que o anúncio da salvação possa ser eficazmente comunicado em todos os tempos e lugares [...] Disto conclui-se como é importante que o Povo de Deus seja educado e formado claramente para se abeirar das Sagradas Escrituras na sua relação com a Tradição viva da Igreja, reconhecendo nelas a própria Palavra de Deus”.⁵¹

45. Vinculado à iniciação à vida cristã, o atual momento da ação evangelizadora convida o discípulo missionário a redescobrir o contato pessoal e comunitário com a Palavra de Deus como lugar privilegiado de encontro com Jesus Cristo.⁵² “Na alvorada do terceiro milênio, não só existem muitos povos que ainda não conheceram a Boa Nova, mas há também muitos cristãos que têm necessidade que lhes seja anunciada novamente, de modo persuasivo, a Palavra de Deus, para poderem assim experimentar concretamente a força do Evangelho”.⁵³ A Igreja hoje tem consciência de que “particularmente as novas gerações têm neces-

⁴⁹ DV, n. 15; VD, n. 6.

⁵⁰ VD, n. 10

⁵¹ VD, nn. 17-18.

⁵² DAp, nn. 247-249.

⁵³ VD, n. 96.

sidade de ser introduzidas na Palavra de Deus através do encontro e do testemunho autêntico do adulto, da influência positiva dos amigos e da grande companhia que é a comunidade eclesial”.⁵⁴

46. Não se trata, por certo, de nos voltarmos para a Palavra de Deus como atitude momentânea, fruto do atual período da história. Trata-se de redescobrir, mais ainda, que o contato profundo e vivencial com as Escrituras é condição indispensável para encontrar a pessoa e a mensagem Jesus Cristo e aderir ao Reino de Deus.⁵⁵ Deste modo, iniciação à vida cristã e Palavra de Deus estão intimamente ligadas. Uma não pode acontecer sem a outra, pois “ignorar as Escrituras é ignorar o próprio Cristo”.⁵⁶ Este é um tempo muito rico para que cada pessoa seja iniciada na contemplação da vida, à luz da Palavra e no empenho para que ela seja efetivamente colocada em prática (Tg 1, 22-25).

47. É, pois, no contato eclesial com a Palavra de Deus que o discípulo missionário, permanecendo fiel, vai encontrar forças para atravessar um período histórico de pluralismo e grandes incertezas. Bombardeado a todo o momento por questões que lhe desafiam a fé, a ética e a esperança, o discípulo missionário precisa estar de tal modo familiarizado com a Palavra de Deus e com o Deus da Palavra que, mesmo abalado pelas pressões, continue solidamente firmado em Cristo Jesus e, por seu testemunho, converta os corações que o questionam (cf. At 16,16-34). Não há, pois, discípulo missionário sem efetivo contato com a Palavra de Deus, um contato que atinge toda a vida e que é transmitido aos irmãos e irmãs. Esse encontro gera solidariedade, justiça, reconciliação, paz e defesa de toda a criação. Dirige-se a crianças, jovens, adultos, idosos, migrantes, doentes, pobres e pecadores.⁵⁷

48. Nosso tempo traz em si uma ambiguidade. Estamos num tempo de muitas falas, muitos ruídos, muito barulho, incertezas e crise de referências. O mundo fala, mas tem sede de palavra que guia, tranquiliza,

⁵⁴ VD, n. 97.

⁵⁵ DAp, n. 247.

⁵⁶ S. Jerônimo, Prólogo ao Comentário sobre o Livro do Profeta Isaías, N 1.2: CCL 73, 1-3.

⁵⁷ VD, nn. 99-108.

impulsiona, envolve, ajuda a discernir. O mundo tem sede, portanto, da Palavra de Deus. Nosso tempo carece de conhecer verdadeiramente a Palavra, deixar-se apaixonar por ela e, com ela, caminhar pelas sendas do Reino. O mundo informatizado tem contribuído com o enriquecimento dos conhecimentos e a conscientização da realidade. Tem igualmente sobrecarregado a vida das pessoas de informações, muitas delas contraditórias, distorcidas e não éticas. Este é um dos graves ruídos que tem atingido a todos, principalmente os jovens.

O atual excesso de informações não contempla uma formação adequada que os auxilie na síntese, no discernimento, nas escolhas. “O desafio para o jovem – assim como para todos os que aceitam Jesus como caminho – é escutar a voz de Cristo em meio a tantas outras vozes”.⁵⁸

49. Infelizmente, em meio a tantos ruídos, também podemos constatar que a Bíblia, algumas vezes, não é usada como luz para a vida. Ao contrário, é instrumentalizada até mesmo para engodo. Cabe ao discípulo missionário não se abater diante de tamanha manipulação da Escritura. Se, por amor, Jesus Cristo, Palavra eterna do Pai, se entregou para a nossa salvação, como se abater ao constatar que a Escritura parece refém de quem busca apenas o benefício próprio? Assim como Ele venceu a morte e o pecado, o discípulo missionário de hoje é chamado a ultrapassar as teias da manipulação bíblica e fazer a Palavra brilhar (Mt 5,14-16), como fonte de vida, justiça e paz.

50. Neste contato, o discípulo missionário haverá de reconhecer e testemunhar que a Palavra é de Deus e como tal deve ser acolhida e praticada. Isto significa assumir que, no contato com a Palavra, “não se trata de um encontro entre dois contraentes iguais; aquilo que designamos por Antiga e Nova Aliança não é um ato de entendimento entre duas partes iguais, mas puro dom de Deus”.⁵⁹ Não é o discípulo missionário que indica à Palavra o que ela deve dizer. Antes, o discípulo missionário é um ouvinte da Palavra (Is 50,5). Ele a acolhe na gratuidade e na alteridade, deixando-se apaixonadamente interpelar.

⁵⁸ CNBB, *Evangelização da Juventude*; Documento 85, n. 60.

⁵⁹ VD, n. 22

51. Ao se curvar diante da Palavra, o discípulo missionário sabe que não o faz isoladamente. Ele acolhe o dom da Palavra na comunhão com esta mesma Palavra e com todos que também a acolhem. Acolhe o dom da Palavra na Igreja e com toda a Igreja. Assim, a Palavra é saboreada na alteridade, na gratuidade e também na eclesialidade. Quanto bem tem feito, pelo Brasil afora, nas mais diversas realidades, a leitura da vida à luz da Palavra! Quantas comunidades se nutrem dominicalmente da Palavra de Deus, experimentando a força deste alimento salutar!⁶⁰ Quanta riqueza evangelizadora acontece nos Círculos Bíblicos, nos Grupos de Reflexão, nos Grupos de Quadra e outros similares!

52. São vários os métodos de leitura da Bíblia.⁶¹ A Conferência de Aparecida destacou a Leitura Orante como caminho para o encontro com a Palavra de Deus. Nela, o discípulo missionário acolhe a Palavra como dom, mergulha na riqueza do texto sagrado e, sob o impulso do Espírito, assimila esta Palavra na vida e na missão. Em meio à agitação cotidiana, notadamente nas grandes cidades, onde o tempo se tornou uma questão crucial, a Leitura Orante permite ao discípulo missionário estabelecer uma relação com a Palavra de Deus a qualquer momento e em qualquer lugar. Assim como dois amigos são capazes de se identificar em meio à multidão, o discípulo missionário, através do exercício da Leitura Orante, aprende a estabelecer contato com a Palavra de Deus e com o Deus da Palavra, ainda que em meio à agitação diária.

53. Por tudo isso, o discípulo missionário compreende a expressão do salmista, quando diz que a Palavra de Deus é luz para sua vida (Sl 119,105). Ao fazer esta experiência, ele une profundamente sua palavra à Palavra de Deus. Reza com a Palavra, reza a Palavra. Eis por que podemos dizer que a animação bíblica de toda a pastoral vai além de uma pastoral bíblica especializada,⁶² quer nos conduzir a uma iluminação bíblica de toda a vida, porque é um caminho de conhecimento e interpretação da Palavra, um caminho de comunhão e oração com a

⁶⁰ DAp, n. 253.

⁶¹ VD, n. 29.

⁶² DAp, n. 248; VD, n. 73.

Palavra e um caminho de evangelização e proclamação da Palavra. O contato interpretativo, orante e vivencial com a Palavra de Deus não forma, necessariamente, doutores. Forma santos.⁶³ Esta perspectiva deve orientar também a formação inicial e permanente dos presbíteros.

A Igreja, como casa da Palavra deve, antes de tudo, privilegiar a Liturgia, pois esta é o âmbito privilegiado onde Deus fala à comunidade. Nela Deus fala e o povo escuta e responde. Cada ação litúrgica está, por sua natureza, impregnada da Escritura Sagrada.⁶⁴

55. Como consequência do serviço que disponibiliza ainda mais a Palavra de Deus, cada discípulo missionário se descobre preparado para o diálogo com uma mentalidade que, sob diversas formas, o interpela. Pela firmeza em seus valores e referências, faz de sua vida um verdadeiro anúncio do que podem ser os novos tempos que estão para surgir, tempos de comunhão, que brota da Palavra, gerando vida e paz.

- **Prioridade do Regional NE – I – Ceará:** Estudo, meditação, contemplação e celebração da Palavra de Deus em todas as instâncias valorizando-a como centro da vida e da missão da Igreja, iluminando a realidade cearense.

⁶³ VD, nn. 49; 77.

⁶⁴ Cf. VD, n. 52.

○ **Plano de Pastoral da Arquidiocese de Fortaleza 2012 - 2015**

PROGRAMAS E PROJETOS

Programa Arquidiocesano 1: Formação bíblica, catequética e litúrgica dos agentes de pastoral.

Projeto 1- CRIAÇÃO DE ESCOLAS BÍBLICAS

O quê? Ação	Criação de Escolas Bíblicas
Para quê? Objetivo	Garantir a formação bíblica, catequética e litúrgica dos agentes de pastoral.
Como? Estratégia	Realizando cursos; criando comissões bíblicas nas Paróquias e Regiões Episcopais.
Quando? Data	2012 a 2015.
Onde? Local	Arquidiocese, Regiões Episcopais e Paróquias.
Recursos financeiros?	Campanha da Evangelização e organizações eclesiais envolvidas.
Quem? Responsáveis	FCF, ESPAC, Curso de Verão, Nova Jerusalém, Instituto Parusia e outros.
Para quem? Público alvo	Agentes de Pastoral.

Projeto 2 – BÍBLIA PELO RÁDIO

O quê? Ação	Estudo da Bíblia pelo Rádio.
Para quê? Objetivos	Difundir o conhecimento da Palavra de Deus; Desenvolver nos ouvintes o gosto pela Palavra de Deus.
Como? Estratégia	Realizando um curso radiofônico de introdução à Bíblia; Promovendo um programa semanal de conhecimento bíblico; Criando quadros bíblicos nos programas radiofônicos católicos; Rezando com a Bíblia; Utilizando subsídios já existentes.
Quando? Data	2012 a 2014.
Onde? Local	Rádio Dom Bosco, Rádio Shalom, Rádio São Francisco e outras emissoras que queiram participar.
Recursos financeiros?	Campanha da Evangelização e emissoras parceiras.
Quem? Responsáveis	Pastoral da Comunicação da Arquidiocese, das Regiões Episcopais e Escolas Bíblicas.
Para quem? Público alvo	Povo de Deus.

Programa Arquidiocesano 2: Formação Bíblica de novas lideranças.

Projeto 1 – SIMPÓSIO BÍBLICO ARQUIDIOCESANO

O quê? Ação	Organização e realização de simpósios bíblicos arquidiocesanos
Para quê? Objetivo	Despertar e vivenciar a Fé, a Esperança e a Caridade, através do estudo da Palavra de Deus.
Como? Estratégia	Promovendo conferências; Partilhando experiências vividas de escolas bíblicas, círculos bíblicos e outras nas Regiões Episcopais, preparando o Simpósio Arquidiocesano .
Quando? Data	Todos os anos, em setembro. 2012: Fé. 2013: Esperança. 2014: Caridade
Onde? Local	Faculdade Católica de Fortaleza (FCF), no Seminário da Prainha.
Recursos financeiros?	Campanha da Evangelização e FCF.
Quem? Responsáveis	FCF e Regiões Episcopais.
Para quem? Público alvo	Animadores bíblicos das Paróquias, Áreas Pastorais, Regiões Episcopais, outras organizações eclesiais e pessoas interessadas.

Projeto 2 – PALAVRA DE DEUS: *COMUNHÃO E MISSÃO.*

O quê? Ação	Conhecimento e vivência da Palavra de Deus, tendo em vista a comunhão e a missão das comunidades e de grupos eclesiais.
Para quê? Objetivo	Formar pessoas comprometidas com o seguimento de Jesus na construção do Reino.
Como? Estratégia	Organizando e fortalecendo os círculos bíblicos e grupos de leitura orante da Bíblia
Quando? Data	2012 a 2014.
Onde? Local	Nas Paróquias, Áreas Pastorais e Comunidades.
Recursos financeiros?	Paróquias e Áreas Pastorais.
Quem? Responsáveis	Conselhos Pastorais Paroquiais.
Para quem? Público alvo	Povo de Deus.

QUARTA URGÊNCIA: Igreja: comunidade de comunidades.

(DGAEIB 3.4 – CNBB doc 94).

*“Às Igrejas da Galácia, a vós graça
e paz da parte de Deus, nosso Pai,
e do Senhor Jesus Cristo”
(Gl 1,2s).*

56. O discípulo missionário de Jesus Cristo faz parte do Povo de Deus (cf. 1Pd 2,9-10; LG, n. 9) e necessariamente vive sua fé em comunidade. “A dimensão comunitária é intrínseca ao mistério e à realidade da Igreja, que deve refletir a Santíssima Trindade”.⁶⁵ Sem vida em comunidade, não há como efetivamente viver a proposta cristã, isto é, o Reino de Deus. A comunidade acolhe, forma e transforma, envia em missão, restaura, celebra, adverte e sustenta. Ao mesmo tempo em que se constata, nesta mudança de época, uma forte tendência ao individualismo, percebe-se igualmente a busca por vida comunitária. Esta busca nos lembra como é importante a vida em fraternidade. Mostra também que o Espírito Santo acompanha a humanidade suscitando, em meio às transformações da história, a sede por união e solidariedade. Em nossos dias, além das comunidades territorialmente estabelecidas, nos deparamos com comunidades transterritoriais, ambientais e afetivas. Constatamos também o rápido crescimento das comunidades virtuais, tão presentes na cultura juvenil atual. Estes fatos abrem o coração do discípulo missionário a novos horizontes de concretização comunitária.

57. As Diretrizes anteriores afirmavam: “concretamente, para a maioria dos nossos fiéis, a relação com a Igreja se restringe aos chamados serviços paroquiais. É aí que a maioria das pessoas, atu-

⁶⁵ DAp, n. 304.

almente, se relaciona com a Igreja”. E concluíam: “por isso, as paróquias têm um papel fundamental na evangelização e precisam tornar-se sempre mais comunidades vivas e dinâmicas de discípulos missionários de Jesus”.⁶⁶

58. A busca sincera por Jesus Cristo faz surgir a correspondente busca por diversas formas de vida comunitária. Articuladas entre si, na partilha da fé e na missão, estas comunidades se unem, dando lugar a *verdadeiras redes* de comunidades. Entre elas, encontram-se as Comunidades Eclesiais de Base⁶⁷ e outras formas de novas comunidades,⁶⁸ cada uma vivendo seu carisma, assumindo a missão evangelizadora de acordo com a realidade local e se articulando de modo a testemunhar a comunhão na pluralidade.

59. Comunidade implica necessariamente convívio, vínculos profundos, afetividade, interesses comuns, estabilidade e solidariedade nos sonhos, nas alegrias e nas dores. Um dos maiores desafios consiste em iluminar, com a Boa Nova, as experiências nos ambientes marcados por aguda urbanização, para os quais vizinhança geográfica não significa necessariamente convívio, afinidade e solidariedade. Outro grande desafio encontra-se nos ambientes virtuais, onde a rapidez da comunicação e a liberdade em relação às distâncias geográficas tornam-se grandes atrativos. Estas situações configuram desafios para a ação evangelizadora, na medida em que nada substitui o contato pessoal.

60. No caminhar em busca de vida comunitária, constata-se a presença das comunidades eclesiais de base, as *CEBs*, que, alimentadas pela Palavra, pela fraternidade, pela oração e pela Eucaristia, são sinal, ainda hoje, de vitalidade da Igreja.⁶⁹ São também presença eclesial junto aos mais simples, partilhando a vida e com ela se comprometendo em vista de uma sociedade justa e solidária.

⁶⁶ DGAE 2008-2010, n. 154.

⁶⁷ DAp, nn. 178-180, 307-310.

⁶⁸ DAp, n. 180.

⁶⁹ Cf. CNBB, *Mensagem ao Povo de Deus sobre as CEBs* – Documento 92.

Veem-se atualmente desafiadas a não esmorecer, mas a discernir, na comunhão da Igreja, caminhos para enfrentar os desafios oriundos de um mundo plural, globalizado, urbanizado e individualista.

Também elas se deparam com os desafios da *mudança de época*.

61. Num mundo plural, não se pode querer um único modo de ser comunidade. O Espírito sopra onde quer e nenhuma concretização comunitária possui o monopólio da ação deste mesmo Espírito. Nenhuma deve chamar para si a primazia sobre as demais, pois todos os membros do corpo possuem igual valor (1Cor 12,12ss). A comunidade eclesial deve abrir-se para acolher dinamicamente os vários carismas, serviços e ministérios. De cada uma dessas comunidades, exige-se que sejam alicerçadas na Palavra de Deus, celebrem e vivam os sacramentos, manifestem seu compromisso evangelizador e missionário, principalmente com os afastados, sejam solidárias com os mais pobres.⁷⁰ O importante é não confundir a natureza das comunidades⁷¹ e assim evitar concorrências, desgastes inúteis e ambiguidades. Todas as comunidades são convocadas a se unirem em torno das Diretrizes da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil e a assumirem os Planos Pastorais de cada Igreja Particular.⁷²

62. O caminho para que a paróquia se torne verdadeiramente uma comunidade de comunidades é inevitável, desafiando a criatividade, o respeito mútuo, a sensibilidade para o momento histórico e a capacidade de agir com rapidez. Mesmo consciente de que processos humanos e transformações de mentalidade não acontecem de uma hora para outra, a Igreja no Brasil se compromete em acelerar ainda mais o processo de animação e fortalecimento de efetivas comunidades, que buscam intensificar a vida cristã por meio de autêntico compromisso eclesial. A setorização da paróquia⁷³ pode favorecer o nascimento de comunidades, pois valoriza os vínculos humanos e sociais. Assim, a

⁷⁰ DAp, n. 179.O

⁷¹ Cf. DAp, n. 15.

⁷² DAp, n. 179.

⁷³ DAp, nn. 197, 172 e 372.

Igreja se faz presente nas diversas realidades, vai ao encontro dos afastados, promove novas lideranças e a iniciação à vida cristã acontece no ambiente em que as pessoas vivem.

63. Importa reconhecer que o investimento nestas pequenas comunidades traz consigo o desafio de se pensar naqueles que as vão pastorear, bem como na diversificação dos ministérios confiados aos leigos. A pastoral vocacional se torna prioritária neste novo momento da história da evangelização, sobretudo para o ministério ordenado e a vida consagrada e para a sempre crescente adequação da formação diaconal e presbiteral, inicial e permanente. Deve ser sempre mais valorizada a atuação do laicato na animação das comunidades.⁷⁴ Não há como prescindir de sua participação na “elaboração e execução de projetos pastorais a favor da comunidade”.⁷⁵ Sob a orientação do bispo diocesano, presbíteros, diáconos, consagrados e leigos devem se unir em torno das grandes metas evangelizadoras e dos projetos pastorais que as concretizam. Uma Igreja com diversas formas de ser comunidade deve ser igualmente uma Igreja que testemunha a comunhão de dons, serviços e ministérios.

64. Em tempos de incerteza, individualismo e solidão, a presença de uma comunidade próxima à vida, às alegrias e às dores é um serviço, que urge apresentar a um mundo que necessita vencer a “cultura de morte”. Comunidades são escolas de diálogo interno e externo. São pontos de partida para o anúncio do Deus da Vida, que acolhe, redime, purifica, gera comunhão e envia em missão.

- **Prioridade do Regional NE – I – Ceará:** Promover verdadeira conversão pastoral para estruturar a Paróquia em rede de comunidades como lugar de comunhão, participação, discipulado, missionariedade para enfrentar juntos os desafios sociais.

⁷⁴ DAp, nn. 99c; 211 e 213.

⁷⁵ DAp, n. 213.

○ **Plano de Pastoral da Arquidiocese de Fortaleza 2012 - 2015**

PROGRAMAS E PROJETOS

Programa Arquidiocesano 1: Paróquias solidárias.

Projeto 1 – DINAMIZAÇÃO DO DÍZIMO - PARTILHA ECLESIAL

O quê? Ação	Implantação e sistematização do Dízimo - Partilha Eclesial, nas Paróquias e Áreas Pastorais.
Para quê? Objetivo	Vivenciar as três dimensões do Dízimo – religiosa, missionária e social – (cf. Projeto do Dízimo), distribuindo equitativamente os recursos do Dízimo Paroquial.
Como? Estratégia	Revitalizando a Pastoral do Dízimo em cada Paróquia e Área Pastoral; Promovendo encontros paroquiais para conhecimento e estudo dos fundamentos bíblicos e eclesiais e as dimensões do Dízimo – Partilha Eclesial; Incentivando a participação dos agentes paroquiais do Dízimo nos encontros das Regiões Episcopais e da Arquidiocese.
Quando? Data	A partir de 2012.
Onde? Local	Paróquias e Áreas Pastorais.
Recursos financeiros?	Paróquias e Áreas Pastorais
Quem? Responsáveis	Párocos, Vigários Paroquiais, Conselhos Econômicos, Conselhos Pastorais e os agentes da Pastoral do Dízimo.
Para quem? Público alvo	Povo de Deus.

Projeto 2 – CRIAÇÃO E FORTALECIMENTO DE PARÓQUIAS IRMÃS

O quê? Ação	Organização e Sistematização de Paróquias Irmãs.
Para quê? Objetivo	Desenvolver a cooperação entre Paróquias e Áreas Pastorais.
Como? Estratégia	Promovendo a colaboração recíproca entre as Paróquias e Áreas Pastorais, nas dimensões administrativa, financeira e pastoral.
Quando? Data	A partir de 2012.
Onde? Local	Regiões Episcopais, Paróquias e Áreas Pastorais.
Recursos financeiros?	Paróquias e Áreas Pastorais.
Quem? Responsáveis	Vigários Episcopais, Párocos, Vigários Paroquiais, Conselhos Econômicos e Pastorais Paroquiais e os agentes da Pastoral do Dízimo.
Para quem? Público alvo	Paróquias e Áreas Pastorais.

Programa Arquidiocesano 2: Renovação Paroquial - Comunidade de Comunidades

Projeto 1 – Comunhão e Participação das Comunidades Eclesiais

O quê? Ação	Articulação e fortalecimento das instâncias de participação e comunhão paroquial – Conselhos.
Para quê? Objetivo	Exercitar a comunhão e participação das comunidades eclesiais na vida das Paróquias e Áreas Pastorais.
Como? Estratégia	Identificando o que já existe de vida eclesial nas comunidades; Criando e fortalecendo os Conselhos Comunitários; Garantindo a participação das comunidades no Conselho Pastoral e Assembleia Paroquial; Incentivando momentos de convivência das comunidades para gerar comunhão pastoral na Paróquia ou Área Pastoral; Criando Centros de Evangelização nas comunidades das Paróquias e Áreas Pastorais.
Quando? Data	A partir de 2012.
Onde? Local	Paróquias e Áreas Pastorais.
Recursos financeiros?	Provenientes da dimensão religiosa e missionária do Dízimo das Paróquias e Áreas Pastorais.
Quem? Responsáveis	Párocos, Vigários Paroquiais e Conselhos Pastorais.
Para quem? Público alvo	Todas as comunidades das Paróquias e Áreas Pastorais.

Projeto 2 – DESCENTRALIZAÇÃO DA PARÓQUIA EM COMUNHÃO ECLESIAL

O quê? Ação	Organização da Paróquia em comunidades e serviços
Para quê? Objetivo	Atender melhor as necessidades do povo de Deus
Como? Estratégia	Setorizando as Paróquias e Áreas Pastorais, articulando as comunidades, promovendo a descentralização dos serviços paroquiais.
Quando? Data	A partir de 2012.
Onde? Local	Paróquias e Áreas Pastorais.
Recursos financeiros?	Paróquias e Áreas Pastorais.
Quem? Responsáveis	Párocos, Vigários Paroquiais, Conselhos Econômicos, Conselhos Pastorais.
Para quem? Público alvo	O Povo de Deus.

QUINTA URGÊNCIA: Igreja a serviço da vida plena para todos. (DGAEIB 3.4 – CNBB doc 94).

“Eu vim para que todos tenham vida e a tenham em abundância” (Jo 10,10)

65. A vida é dom de Deus! “A grande novidade que a Igreja anuncia ao mundo é que Jesus Cristo, o Filho de Deus feito homem, a Palavra e a Vida, veio ao mundo para nos fazer ‘partícipes da natureza divina’ (2Pd 1,4), e para que participemos de sua própria vida. É a vida trinitária do Pai, do Filho e do Espírito Santo, a vida eterna”.⁷⁶ “O Evangelho da vida está no centro da mensagem de Jesus. Amorosamente acolhido cada dia pela Igreja, há de ser fiel e corajosamente anunciado como Boa-Nova aos homens de todos os tempos e culturas”.⁷⁷ A Palavra de Deus ilumina o compromisso com a *rede de comunidades* e faz pulsar a vida do Espírito nas artérias da Igreja e em meio ao mundo. A missão dos discípulos é o serviço à vida plena.⁷⁸

66. A Igreja no Brasil sabe que “nossos povos não querem andar pelas sombras da morte. Têm sede de vida e felicidade em Cristo”.⁷⁹ Por isso, proclama com vigor que “as condições de vida de muitos abandonados, excluídos e ignorados em sua miséria e dor, contradizem o projeto do Pai e desafiam os discípulos missionários a maior compromisso a favor da cultura da vida”.⁸⁰ Ao longo de uma história de solidariedade e compromisso com as incontáveis vítimas das inúmeras formas de destruição da vida, a Igreja se reconhece servidora do Deus da Vida. A nova época que, pela graça deste mesmo Deus, haverá de surgir preci-

⁷⁶ DAp, n. 348.

⁷⁷ EV, n. 1.

⁷⁸ DAp, cap. VII.

⁷⁹ DAp, n. 350.

⁷⁹ DAp, n. 350.

⁸⁰ DAp, n. 358.

sa ser marcada pelo amor e pela valorização da vida, em todas as suas dimensões. A omissão diante de tal desafio será cobrada por Deus e pela história futura.

67. Ao mergulhar nas profundezas da existência humana, o discípulo missionário abre seu coração para todas as formas de vida ameaçada desde o seu início até a morte natural. Na medida em que nenhuma vida existe apenas para si, mas para outras e para Deus, este é um tempo mais do que propício para a articulação e a integração de todas as formas de paixão pela vida. Só assim conseguiremos, de fato, vencer os tentáculos da cultura de morte.⁸¹

68. É através da promoção da cultura da vida que os discípulos missionários de Jesus Cristo testemunham verdadeiramente sua fé. Num tempo que tende a privilegiar o indivíduo, a ganância e o culto ao corpo em detrimento do bem comum, o discípulo missionário sabe que Jesus Cristo veio dar a vida em resgate de todos, voltando-se de modo especial para a ovelha perdida, desgarrada, fragilizada.⁸² “É pelo amor-serviço à vida que o discípulo missionário haverá de pautar seu testemunho, numa Igreja que segue os passos de Jesus, adotando sua atitude”,⁸³ sendo pobre, despojada, sem bolsa nem alforje, colocando sua confiança unicamente no Senhor (Lc 10,3-9).

69. Contemplando os diversos rostos de sofredores, desta Terra de Santa Cruz, especialmente, os “novos rostos dos pobres”⁸⁴ o discípulo missionário enxerga, em cada um, o rosto de seu Senhor: chagado, destroçado, flagelado (Is 52,13ss).⁸⁵ Seu amor por Jesus Cristo e Cristo Crucificado (1Cor 1,23-25) leva-o a buscar o Mestre em meio às situações de morte (cf. Mt 25,31-46). Leva-o a não aceitar tais situações de morte, sejam elas quais forem, envolvendo-se na preservação da vida. O discípulo missionário não se cala diante da vida impedida de

⁸¹ DGAE 2008-2010, n. 142.

⁸² DAp, n. 30.

⁸³ DAp, n. 31.

⁸⁴ DAp, n. 402.

⁸⁵ DAp, nn. 32, 65 e 402.

nascer seja por decisão individual, seja pela legalização e despenalização do aborto. Não se cala igualmente diante da vida sem alimentação, casa, terra, trabalho, educação, saúde, lazer, liberdade, esperança e fé. Torna-se, deste modo, alguém que sonha e se compromete com um mundo onde seja, efetivamente, reconhecido o direito a nascer, crescer, constituir família, seguir a vocação, crer e manifestar sua fé, num mundo onde o perdão seja a regra; a reconciliação, meta de todos; a tolerância e respeito, condição de felicidade; a gratuidade, vitória sobre a ambição. O discípulo missionário reconhece que seu sonho por vida eterna leva-o a ser, já nesta vida, parceiro da vida e vida em plenitude. Daí “ratificar e potencializar a opção preferencial pelos pobres”,⁸⁶ “implícita à fé cristológica naquele Deus que se fez pobre por nós, para nos enriquecer com sua pobreza”⁸⁷ e que deverá “atravessar todas as suas estruturas e prioridades pastorais”⁸⁸ manifestando-se “em opções e gestos concretos”.⁸⁹

70. De modo especial, ressalte-se a importância da vida no planeta, dilapidada, tanto ética quanto ecologicamente, pelo uso ganancioso e irresponsável. Nestes tempos de crescente consciência ecológica, a Igreja no Brasil, em linha de continuidade com o que faz há quatro décadas, realizou, em 2011, a Campanha da Fraternidade para alertar que, assim como os filhos e filhas de Deus sofrem desrespeito e ameaças, o planeta inteiro se depara, como nunca, com o risco de degradação talvez irreversível.⁹⁰

71. Consciente de que precisa enfrentar as urgências que decorrem da miséria e da exclusão, o discípulo missionário também sabe que não pode restringir sua solidariedade ao gesto imediato da doação caritativa. Embora importante e mesmo indispensável, a doação ime-

⁸⁶ DAp, nn. 396, 407-430.

⁸⁷ DAp, DI n. 3.

⁸⁸ DAp, n. 396.

⁸⁹ DAp, n. 397, cf. DCE, n. 28 e 31.

⁹⁰ (CNBB, *A criação geme em dores de parto. Fraternidade e Vida no Planeta, Campanha da Fraternidade 2011.*)

diata do necessário à sobrevivência não abrange a totalidade da opção pelos pobres. Antes de tudo, esta implica convívio, relacionamento fraterno, atenção, escuta, acompanhamento nas dificuldades, buscando, a partir dos próprios pobres, a mudança de sua situação. Os pobres e excluídos são sujeitos da evangelização e da promoção humana integral.⁹¹ Em tudo isso, a Igreja reconhece a importância da atuação no mundo da política e assim incentiva os leigos e leigas à participação ativa e efetiva nos diversos setores diretamente voltados para a construção de um mundo mais justo, fraterno e solidário.⁹²

72. O serviço testemunhal à vida, de modo especial à vida fragilizada e ameaçada, é a mais forte atitude de diálogo que o discípulo missionário pode e deve estabelecer com uma realidade que sente o peso da cultura da morte. Na solidariedade de uma igreja samaritana⁹³ o discípulo missionário vive o anúncio de um mundo diferente que, acima de tudo, por amar a vida, convoca à comunhão efetiva entre todos os seres vivos.

- **Prioridade do Regional NE – I – Ceará:** Exercitar o profetismo diante das situações da morte à luz da Doutrina Social da Igreja, que nos leve a ampliar a ação evangelizadora nos diferentes setores, espaços e contextos, contribuindo para construção de um projeto de desenvolvimento solidário, ético e sustentável.

⁹¹ DAp, nn. 397-398.

⁹² Cf. AA 7; LG, n. 35; ChL 3; DCE, n. 28; DAp, nn. 99f, 100c, 210.

⁹³ DAp, n. 27

○ **Plano de Pastoral da Arquidiocese de Fortaleza 2012 - 2015**

PROGRAMAS E PROJETOS

Programa Arquidiocesano 1: Consequências sociais da fé no processo da iniciação à vida cristã.

Projeto 1 - FORMAÇÃO DOS CRISTÃOS NA DOCTRINA SOCIAL DA IGREJA

O quê? Ação	Promoção de estudos sobre a Doutrina Social da Igreja - DSI
Para quê? Objetivo	Ajudar os cristãos a assumirem as consequências proféticas da fé nas realidades humanas.
Como? Estratégia	Realizando cursos sobre a DSI; Formando e qualificando os católicos para exercer a representatividade da Igreja no âmbito da sociedade.
Quando? Data	A partir de 2012.
Onde? Local	Regiões Episcopais, Paróquias e Áreas Pastorais.
Recursos financeiros?	Regiões Episcopais e dimensão social do Dízimo das Paróquias e Áreas Pastorais.
Quem? Responsáveis	Regiões Episcopais, Paróquias, Áreas Pastorais e Conselho Arquidiocesano de Leigos.
Para quem? Público alvo	Párocos, Vigários Paroquiais, agentes de pastoral e animadores de comunidade.

Programa Arquidiocesano 2 : Fortalecimento ou reorganização dos organismos a serviço da vida, a partir das urgências pastorais (Pastorais Sociais, CDPDH, Cáritas, Comissão Justiça e Paz, outros).

Projeto 1 – PROMOÇÃO DOS ORGANISMOS PAROQUIAIS A SERVIÇO DA CARIDADE

O quê? Ação	Criação ou fortalecimento do serviço organizado da Caridade Social nas Paróquias e Áreas Pastorais.
Para quê? Objetivo	Socorrer os necessitados e favorecer a inclusão de todos.
Como? Estratégia	Identificando as necessidades; Organizando equipes de serviços; Criando ou fortalecendo as Pastorais Sociais; Criando ligações das paróquias e áreas pastorais com o Centro de Defesa e Promoção dos Direitos Humanos, na área jurídica, acompanhando os direitos dos necessitados; Implantando a Cáritas nas Paróquias e Áreas Pastorais.
Quando? Data	A partir de 2012.
Onde? Local	Nas Paróquias e Áreas Pastorais.
Recursos financeiros?	Provenientes da dimensão social do Dízimo das Paróquias e Áreas Pastorais.
Quem? Responsáveis	Párocos e Vigários Paroquiais; Conselhos Econômicos, Pastoral do Dízimo, Pastorais Sociais, Cáritas e equipes de serviços das Paróquias e Áreas Pastorais.
Para quem? Público alvo	Pobres e necessitados.

Projeto 2 – IDENTIFICAÇÃO DAS AÇÕES, ORGANISMOS E ATIVIDADES QUE ESTÃO A SERVIÇO DA VIDA.

O quê? Ação	Identificação e integração das equipes eclesiais que estão a serviço da vida.
Para quê? Objetivo	Conhecer os diversos serviços eclesiais em defesa da vida e fortalecer sua articulação e integração.
Como? Estratégia	Mapeando nas Paróquias e Áreas Pastorais as realidades sociais e seus desafios, com um instrumento de trabalho a ser elaborado por uma equipe de assessoria; Engajando os seminaristas nos trabalhos que as Paróquias e Áreas Pastorais realizam na dimensão social da fé; Fortalecendo a Semana Social Arquidiocesana; Participando do processo preparatório e realização do Grito dos Excluídos; Criando o Vicariato Episcopal para as Pastorais Sociais.
Quando? Data	A partir de 2012.
Onde? Local	Paróquias, Áreas Pastorais, Movimentos e Novas Comunidades.
Recursos financeiros?	Dimensão social do Dízimo das Paróquias e Áreas Pastorais e contribuição das entidades eclesiais envolvidas.
Quem? Responsáveis	Articulação das Pastorais Sociais, CEBs e Organismos, Articulação do Fórum dos Movimentos Eclesiais (FAMEC), Conselhos Pastorais das Regiões Episcopais, das Paróquias e Áreas Pastorais.
Para quem? Público alvo	Agentes de Pastoral e lideranças comunitárias.

COMISSÕES PARA URGÊNCIAS E PROJETOS DO PLANO DE PASTORAL

A responsabilidade para acompanhar a unidade, desenvolvimento e execução dos programas e projetos do Plano de Pastoral da Arquidiocese a partir de cada Urgência através das comissões e/ou assessores acontecerá em três níveis:

1º. – Arquidiocese

- Coordenador Arquidiocesano de Pastoral e Vigários Episcopais, com suporte do Secretariado de Pastoral;

- Conselho Arquidiocesano de Pastoral.

2º. – Regiões Episcopais

- Conselho de Pastoral da Região, tendo à frente a coordenação da Região (Vigário Episcopal e sua equipe).

3º. – Paróquias e Áreas Pastorais

- Conselho de Pastoral da Paróquia ou Área Pastoral, tendo à frente o Pároco ou o Vigário Paroquial responsável.

ÍNDICE

Apresentação	3
<i>“Boa-nova para novos tempos”</i>	<i>3</i>
<i>A Igreja existe para evangelizar.....</i>	<i>5</i>
<i>O Objetivo Geral da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil 2011 – 2015</i>	<i>7</i>
<i>PRIMEIRA URGÊNCIA: Igreja em estado permanente de missão. (DGAEIB 3.1 – CNBB doc 94).....</i>	<i>18</i>
<i>SEGUNDA URGÊNCIA: Igreja: casa de iniciação à vida Cristã (DGAEIB 3.2 – CNBB doc 94).....</i>	<i>25</i>
<i>TERCEIRA URGÊNCIA: Igreja: lugar de animação bíblica da vida e da pastoral (DGAEIB 3.3 – CNBB doc 94).....</i>	<i>31</i>
<i>QUARTA URGÊNCIA: Igreja: comunidade de comunidades. (DGAEIB 3.4 – CNBB doc 94).....</i>	<i>39</i>
<i>QUINTA URGÊNCIA: Igreja a serviço da vida plena para todos. (DGAEIB 3.4 – CNBB doc 94).....</i>	<i>46</i>
<i>COMISSÕES PARA URGÊNCIAS E PROJETOS DO PLANO DE PASTORAL</i>	<i>53</i>